

Recreio de criança do bem

D.F. - Educação

Escola promove oficinas de arte durante o intervalo das aulas e pacifica o ambiente em que predominavam desavenças e pichações

Sossego à custa de uma distração inteligente. Um recreio diferente - com oficinas de rap, teatro, capoeira e desenho - trouxe paz à Escola Classe 38 (EC38), na EQNP 15/19 de Ceilândia. Os antigos 20 minutos de correrias e pichação de banheiros e carteiras agora servem para os 1.100 alunos de 1ª a 8ª séries aprenderem com diversão.

O nome da iniciativa é Recreio Orientado. Durante o intervalo das aulas, monitores atraem a atenção dos estudantes com demonstrações artísticas e esportivas. O trabalho começou no fim do ano passado e, apesar do pouco tempo da mudança, os resultados já são evidentes. O barulho continua o mesmo, mas as brincadeiras agressivas, as lutas e o empurra-empurra acabaram; as paredes estão limpas e a quantidade de móveis estragados diminuiu.

“Todo dia eu estava levando gente ao hospital”, comenta, falando de um passado recente, o diretor da Escola Classe 38, Gilberto Sousa. “Antes o recreio era hora de quebrar carteira, de brigar com o

colega, de pichar o colégio, e nós conseguimos reduzir esse problema em 90%”, diz. “A gente tinha vontade de fazer com que ninguém mais se machucasse.” A necessidade despertou para a oportunidade.

A solução para o fim do problema estava ao lado, ou melhor, dentro da EC 38. A escola de Ceilândia é uma das quatro do Distrito Federal que participam do *Se Liga, Galera*. São os monitores do programa — uma iniciativa da Sasse Caixa Seguros e da ONG Instituto de Pesquisa e Ação Modular (Ipam) — que preparam as quatro oficinas do Recreio Orientado. Durante os 20 minutos do intervalo, a atenção dos estudantes fica dividida entre a capoeira, o artesanato em papel, o *break* (dança de rua) e o *rap*.

SALTO

Se é interessante, fica fácil atrair os olhares dos adolescentes e das crianças, mesmo que estejam mais acostumados à violência que assistem na tevê, em casa ou nas ruas. Assim que a sirene toca, os alunos do turno matutino, estudantes da 1ª a 5ª séries, viram platéia para os

monitores. Os tatames da capoeira, o rolo de papel aberto no chão e o equipamento de som logo ficam rodeados de crianças que querem aprender a fazer arte.

“Antes, o recreio era chato”, lembra o aluno da 3ª série Rafael dos Santos Silva, de 9 anos. Debruçado sobre uma caixa de som, enquanto balança a perna no ritmo do rap, ele disputa lugar com outros colegas, para observar os passos que um dançarino faz no piso de cimento. “Se voltasse a ser como era, eu não iria aprender a cantar, a dançar, nem a pintar.” O comentário é a prova de que nem ele nem os outros ao lado sentem falta do espaço para as correrias e brigas.

“Antes, todo mundo se batia, brigava, e agora não tem mais isso”, conta a aluna da 2ª série Samantha Cristina Marinho, de 8 anos. “Os meninos viviam puxando o cabelo da gente.” Outra das testemunhas das manobras do dançarino de *break*, ela e quatro colegas nem piscavam, para aprender, na oficina de *rap*, a fazer música e manobras com o corpo.

Samantha e o diretor Gilberto contam de brigas entre os estudantes dentro do colégio. A localização da sala nos quatro blocos servia para diferenciar os grupos rivais, que agrediam-se com a troca de pancadas, num arremedo do que fazem as gangues. “Se um invadis-

se a área do outro, tinha briga”, conta a menina. “Manter o recreio da forma como era não dava mais”, diz o professor.

Sãos os bolsistas e monitores do *Se Liga, Galera* que viabilizam o Recreio Orientado. Os bolsistas do projeto que pretende formar lideranças comunitárias recebem R\$ 50 por mês e ajudam em palestras e nas oficinas. O dinheiro é pouco, se comparado ao orgulho, ao prazer de ensinar. “Acabou a selvageria, os baixinhos criam amizade entre si e com a gente, e todo mundo aprende”, comenta Mário César Fernandes, de 17 anos, um dos 14 oficinairos.

A experiência da EC 38 repete-se em outras duas escolas de Ceilândia e numa quarta da invasão do Varjão, no Lago Norte. “Com a arte nós promovemos a auto-estima e descobrimos talentos”, diz a coordenadora de Arte e Educação do *Se Liga, Galera*, Alice Scart. “Primeiro a pessoa se transforma para depois mudar ao seu redor, a escola e a comunidade”, explica. “Ao invés de um garoto ficar empurrando o outro, aprende a servir como apoio para um salto de capoeira.”

SERVIÇO

O telefone 226-3600, do Instituto de Pesquisa e Ação Modular (Ipam), para prestar informações sobre o *Se Liga, Galera*, funciona em horário comercial